

Refúgio num mundo sem coração. A família: santuário ou instituição sitiada?*

Maria Cristina Bruschini**

Escrito em 1977 por Christopher Lasch, historiador da Universidade de Rochester, o livro aborda o tema da erosão da família contemporânea nos Estados Unidos e faz uma crítica contundente à intervenção do Estado nessa instituição. Elaborado sob o impacto dos movimentos radicais dos anos 70, reafirma a importância dos laços familiares, numa época em que a sociedade norte-americana deparava-se com questões como o uso de drogas, a promiscuidade sexual e a deterioração dos cuidados com os jovens. Considerado conservador pela esquerda norte-americana, que o acusou de tentar resgatar a família burguesa, o livro provocou muita polêmica quando foi publicado, mas chega ao Brasil com um certo atraso, num momento em que esta discussão não tem mais o mesmo peso e a validade da família parece inquestionável a correntes teóricas e ideológicas diversificadas.

A tese do autor é a de que a família, reduto de amor e de decência em um mundo selvagem e competitivo, não poderia mais ser considerada um

refúgio, na medida em que forças sociais mais amplas, como as grandes corporações, a propaganda e o Estado estariam cada vez mais invadindo essa instituição e rompendo sua privacidade. Lasch contesta a existência do isolamento da família nuclear no mundo moderno. Este, ao contrário, infiltra-se em tudo e impede a privacidade. "A santidade do lar é uma hipocrisia num mundo dominado por gigantescas corporações e pela maquinária da promoção maciça" (p. 23). A tensão entre a família e a ordem econômica e política que, em uma etapa anterior da sociedade burguesa protegia os adolescentes e as crianças do impacto do mercado, gradualmente decresce. O mundo torna-se mais ameaçador e inseguro e a família já não pode oferecer proteção contra os perigos externos. Os mesmos acontecimentos históricos que tornaram necessário estabelecer uma vida privada como refúgio do mundo cruel da política e do trabalho, invadiram esse santuário e o submeteram ao controle externo.

* LASCH, Christopher – 1991. *Refúgio num mundo sem coração. A família: santuário ou instituição sitiada?* Trad. Italo Tronca e Lúcia Szmrecsanyi. Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 252 p. (Original em Inglês)

** Pesquisadora da Fundação Carlos Chagas (SP).

Para o autor a história da sociedade contemporânea poderia ser descrita como a afirmação do controle social sobre atividades antes exercidas pelos indivíduos e pelas famílias. Da mesma forma que a socialização da produção ocorreu quando os capitalistas retiraram a produção do âmbito doméstico, transferindo-a para a coletivização da fábrica, a socialização da reprodução seria a extensão desse controle pelo Estado e por especialistas da área da saúde e do bem-estar à vida privada dos trabalhadores, quando os cuidados e a educação das crianças são expropriados da família.

Lasch acredita que a crise da família não é atual, porque essa instituição vem se desintegrando lentamente há mais de cem anos. Buscando a comprovação desta tese, e movendo-se no plano da reflexão sobre a ideologia e a teoria, analisa cuidadosamente os efeitos da atuação das profissões assistenciais e da saúde sobre a família americana e o impacto do conhecimento teórico sobre o tema tal como construído pelas principais correntes da sociologia norte-americana. É bastante competente nesta tarefa. Didático, segue cronologicamente as sucessivas etapas da reflexão sobre o tema. Crítico perspicaz, cáustico e pessimista, dissecou as várias correntes que de alguma forma analisaram a família. Neste cuidadoso e bem documentado caminho, mais do que polemizar ou explicitar seus próprios pontos de vista, deixa entrever por vezes veladamente suas preferências e rejeições.

No primeiro capítulo Lasch analisa a formação da família burguesa desde o século XVIII e sua importância na constituição de personalidades adequadas ao capitalismo emergente. O aparecimento da família nuclear como forma principal de vida familiar reflete a importância atribuída à privacidade pela sociedade da época, concomitantemente à degradação do trabalho, devido à introdução da mecanização e da rotina. Mais tarde, já no final do século XIX e primeiras décadas do XX a família seria

deliberadamente transformada pela intervenção dos planejadores e políticos. Com a medicalização e o surgimento das profissões assistenciais, a sociedade invade a família, reduto dos direitos individuais e toma a seu cargo muitas de suas funções.

A partir do segundo capítulo o foco do livro desloca-se para a ciência social emergente, cuja trajetória é duramente avaliada pelo autor. Inicialmente Lasch critica a antropologia evolucionista e a suposta existência de uma família matriarcal defendida pelo socialismo. A escola de sociologia urbana de Chicago e sua tese de que os padrões tradicionais de vida teriam sido destruídos pelo impacto desintegrador do urbanismo passam também pelo crivo observador do historiador, que lamenta a ausência, nos estudos anteriores à década de 40, reduzidos ao tema do casamento, de uma preocupação com a função socializadora da família, que ele obviamente prioriza.

Em *Cultura e Personalidade*, Lasch deixa provisoriamente de lado o tom amargo e cético dos demais capítulos, para revelar um certo entusiasmo. Os novos estudos que incorporavam os avanços da psicologia e da antropologia, acrescentavam ao tema da família o que faltava, uma análise da socialização, corrigindo assim o ponto fraco dos primeiros. Tendo como pano de fundo a teoria psicanalítica de Freud, por cuja obra deixa entrever toda sua admiração, Lasch percorre os estudos de Linton, Sapir, Malinovski, Benedict, Mead e outros que se debruçaram sobre a formação da personalidade. Resgatando Freud, afirma que as críticas dos antropólogos à psicanálise partem de concepções equivocadas da natureza das evidências que aquela ciência procura explicar. As teorias sobre a sexualidade infantil baseiam-se no estudo de processos mentais inconscientes, revelados nos sonhos, nas fantasias e nas neuroses e não na observação empírica da

infância. Por isso a teoria psicanalítica não pode ser refutada pela observação empírica do desenvolvimento infantil ou da estrutura familiar, como propunha a antropologia cultural.

A crítica feminista a Freud e o neo-marxismo de Reich, Fromm e da Escola de Frankfurt, com sua avaliação acurada da família autoritária, da repressão sexual e da moral puritana, são examinados pelo autor, que mais uma vez enfatiza a importância da psicanálise, sem a qual o marxismo não poderia explicar como se interioriza a coerção da psique e, portanto, como se dá a internalização da autoridade.

Parsons e seus seguidores recebem de Lasch uma atenção especial, dada a importância de seus trabalhos para o estudo da família. A teoria dos pequenos grupos, aplicada à família, propiciou uma detalhada descrição dos mecanismos pelos quais a cultura é internalizada sob a forma de papéis. A obra parsoniana, para Lasch, deu sustentação científica ao culto da domesticidade que vigorou nos anos 50. Mas a verdadeira importância dessa teoria para a família foi a de ao mesmo tempo afirmar que essa instituição é indispensável e fornecer argumentos racionais para sua contínua invasão por especialistas na arte da cura psíquica e social. O isolamento da família nuclear intensifica sua atmosfera emocional e cria tensões que só os especialistas sabem como lidar. O cuidado com as crianças torna-se uma profissão, especialmente para as mulheres, principal freguesia para os conselhos dos profissionais da psiquiatria. Graças a Parsons, portanto, o estudo científico da família passa a ratificar o processo social que a colocava sob o controle público.

Os anos 60 são abordados da perspectiva dos ataques à família nuclear, entre outros grupos pelas feministas, e da busca de estilos de vida alternativos. Segundo Lasch essas críticas revivem clichês dos anos 20 e 30,

dando a impressão de novas devido à sua popularização. No último capítulo Lasch dá vazão a todo seu pessimismo. Acredita que a sociedade burguesa expandiu a liberdade, mas criou novas formas de escravização. O capitalismo criou a abundância, mas alargou o fosso entre ricos e pobres. Transformou as massas em ávidas consumidoras da propaganda, que as mantém em um crônico estado de insatisfação e incerteza. A incapacidade da família de proteger os seus membros contra os perigos externos desgastou os laços familiares. Erodido a autoridade paterna e exacerbou o "momismo" – a dependência da mãe tão comum nos americanos. O autor chega, enfim, a um beco sem saída: retomando o esquema freudiano de compreensão do desenvolvimento infantil, conclui que na família burguesa a estrutura clássica contribuía para que a criança superasse suas dificuldades psicológicas. A estrutura da família contemporânea, contudo, não favorece o mesmo resultado, porque os pais permanecem figuras nebulosas e distantes demais para que a criança possa ter um desenvolvimento emocional adequado.

Assim apesar de se defender, logo na Introdução, dos ataques de progressistas que o acusavam de apregoar as virtudes da família burguesa, o autor, ao privilegiar Freud e a função socializadora da família, acaba desembocando inevitavelmente na defesa desse refúgio e de uma tradicional divisão de papéis, tese virtualmente oposta ao do feminismo brasileiro, favorável à família mais igualitária. Seria simplista, porém, por causa disto, rotulá-lo apenas de conservador, minimizando a importância do livro, produzido num momento em que a permissividade da sociedade norte-americana talvez justificasse em parte esse tipo de aspiração. Os acontecimentos posteriores, com o revigoramento da direita e de movimentos conservadores como o pró-vida e a luta contra o aborto, nos Estados Unidos, sugerem que o final do

livro poderia ter sido outro se Lasch o tivesse escrito alguns anos mais tarde. De qualquer forma o livro é sólido, competente e, apesar de uma certa proximidade e de algumas contradições,

como quando expõe confusas opiniões do autor sobre o feminismo e a patologia social, vale pela cuidadosa e bem documentada revisão sobre o tema apaixonante da família.

Recebida para publicação em 01/11/91.

Aprovada para publicação em 06/12/91.

PHYSIS

REVISTA DE SAÚDE COLETIVA

Vol. 1, Número 2, 1991 - A Representação na Saúde Coletiva

<i>Apresentação: Interpretação e Representação na Saúde Coletiva</i> JOEL BIRMAN	7
<i>A Problemática da Representação Social e sua Utilidade no Campo da Doença</i> CLAUDINE HERZLICH	23
<i>Relações de Gênero, Possessão e Sexualidade</i> PATRÍCIA BIRMAN	37
<i>"Indivíduoísmo Libertário" no Imaginário Social dos Anos 60</i> TANIA SALEM	59
<i>Psicologismo e Mudança Social</i> TÂNIA COELHO DOS SANTOS	77
<i>Tornar-se Terapeuta Corporal: a Trajetória Social como Processo de "Autoconstrução"</i> JANE A. RUSSO	113
<i>Sujeito, Singularidade e Interpretação em Psicanálise</i> JOEL BIRMAN	127
<i>A Percepção de Si como Sujeito-da-Doença</i> REGINA HERZOG	143

(English language Table of Contents on page 157)

PHYSIS - Revista de Saúde Coletiva,

Rio de Janeiro, vol. 1, número 2, 1991, p. 1 a 158.